

Gónve quer voar

A primeira indígena e primeira aluna cotista da história da Ufrgs se formará em setembro e pretende retornar à aldeia para ajudar sua comunidade como enfermeira

► Por Clóvis Victória

extraclasse@sinprors.org.br

Ela cresceu na Terra Indígena da Guarita, em Tenente Portela, testemunhando toda a sorte de carências dos seus. Durante a infância e adolescência, enquanto corria pela paisagem de coxilhas e campos das terras férteis da região Norte gaúcha, não sabia exatamente o que fazer para ajudar. Então, o jeito que encontrou para pensar em algo que pudesse alterar as condições precárias da gente de sua aldeia foi estudar. Primeiro, Denize Letícia Marcolino, indígena *kaingang*, cumpriu o ensino básico na escola da comunidade. Depois da quinta série, precisou deixar a Guarita para estudar. Então, passou a frequentar a escola na Vila São João, vizinha à aldeia onde sempre morou.

Hoje, aos 21 anos, o percurso da estudante de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) se completa em setembro. Mais precisamente no dia primeiro, a partir das 14h, Denize subirá ao palco do Salão de Atos da Ufrgs e receberá seu diploma. O simbolismo do ato paira além do papel que atesta a condição de formada no Ensino Superior. Denize será a primeira indígena e, por extensão, a primeira aluna cotista da história da Ufrgs a vencer toda a dificuldade que é se formar na mais importante universidade do Sul do país. Atualmente ela cumpre estágio num Programa de Saúde da Família (PSF) na zona Sul de Porto Alegre.

O percurso não foi fácil. Denize ingressou no primeiro semestre de 2008. Como cotista indígena, tinha direito a concorrer a uma das dez vagas que a Ufrgs reserva a comunidades das mais variadas etnias indígenas do estado. Mesmo assim, precisou prestar vestibular. Respondeu a questões de uma prova de Língua Portuguesa e escreveu uma redação sobre sua cultura.

Antes do vestibular, chegou a pensar em Direito. Talvez, o conhecimento das leis dos brancos pudesse, de alguma forma, transformar as condições de vida da maior aldeia indígena do estado. Mas a ideia de brigar por sua etnia em tribunais e na Justiça deu lugar à vontade de ajudar numa questão ainda mais básica. “Cresci vendo a situação da minha comunidade, as condições muito precárias em vários aspectos. Então, não sabia exatamente o que eu tinha que fazer, até quando fui me inscrever para o vestibular tinha que escolher uma opção de curso. Fiquei em dúvida entre o curso de Enfermagem e Direito, e com a ajuda da minha mãe acabei optando por Enfermagem”, conta ela.

A jovem *kaingang* diz não ter relatos de discriminação para contar, apenas uma leve desconfiança em relação à sua capacidade de aprendizado, e a cer-



Foto: Marcelo Amaral

Denize cumpre estágio num Programa de Saúde da Família (PSF) na Zona Sul de Porto Alegre

teza de que fez a opção pela profissão certa. Desconfiança que ela transformou em potência para jamais ser reprovada em alguma disciplina do curso e acumular conceitos A, B e C. Passou sempre, concluiu o curso em quatro anos e meio. No tempo certo.

Num curso de turno integral, como é o caso da Enfermagem, nas noites e madrugadas sobravam horas de estudo. Em geral, Denize lia compêndios de anatomia, estudava procedimentos e processos de enfermagem. Aprendia as etapas da consulta e formas de humanização da profissão. Saber como tratar o paciente é crítico. Precisava saber e entender tudo de que um paciente precisava. Nas vésperas das provas, entrava em cena a formação de grupos de estudo com colegas.

Também foi com a ajuda de professores, de seu esforço e de colegas que conseguiu vencer a principal barreira. “Tive um pouco mais de dificuldade com a linguagem, pois eu sempre falei só em língua *kaingang* quando eu morava na aldeia e depois que vim para Porto Alegre comecei a praticar mais o português”, escreve ela por *e-mail*, num português sem reparos.

A ajuda e a integração se manifestavam também antes das provas. Denize mora numa das casas de estudantes da Ufrgs. Adaptada à vida que leva como estudante, tem a noção exata de que faz his-

tória. Desde dezembro, está casada com o estudante de Pedagogia Josias Mello, de 24 anos. Os dois *kaingangs* se conheceram na Guarita. Ele é natural de Planalto, cidade próxima a Tenente Portela. Os laços, no entanto, se apertaram na Universidade. Josias cursa o terceiro semestre e teve no exemplo da esposa a certeza de que também poderia. “Ele vinha me visitar aqui e via que eu não reprovava. Acho que fui um incentivo”, diz Denize.

ALDEIA – Longe cerca de 600 quilômetros de sua casa, Denize quer voltar. A saudade é grande, algo que as duas viagens por mês, por conta da distância e do preço das passagens, não diminui. Apesar da felicidade do diploma, diz se sentir mais livre perto do chão onde nasceu. Quer voar pelos campos da Guarita, fazer *juz* ao seu nome indígena. Gónve (pronuncia-se Godnué) significa pomba em *kaingang*.

“Gosto muito da minha profissão, sei que através disso vou conseguir ajudar a minha comunidade, principalmente na área da Saúde. Meu plano é voltar para aldeia depois de concluir o curso. Quero exercer a profissão na Saúde pública principalmente na minha comunidade. Mas também quero buscar melhorias na área da Saúde para povos indígenas em geral, pois há muito a ser feito. Também pretendo continuar meus estudos, fazer pós-graduação”.